

PRÉ-HISTÓRIA DA AGB CARIOCA" *

Orlando Valverde

Embora não me tenham escalado para falar sobre este tema, na presente Mesa-Redonda do Cinquentenário de nossa AGB, quero deixar aqui um registro sobre a fase inicial da Seção Regional do Rio de Janeiro, quase totalmente desconhecida, e da qual me orgulho de ter participado e ser dela, hoje em dia, um dos raros testemunhos sobreviventes.

A fase da História da qual não existem documentos escritos é chamada "Pré-História". Como, aparentemente, não existem mais documentos sobre a fase da Seção da AGB do Rio que lhes vou descrever, aí está a razão pela qual escolhi o título deste relato.

Recentemente transferido da Universidade de São Paulo, onde fundara a Associação dos Geógrafos Brasileiros, Pierre Deffontaines passou a dar curso de Geografia Humana na Universidade do Distrito Federal, inaugurada em 1935.

Curiosa e encantadora era a personalidade do fundador de nossa Associação: alto, magro, esguio, a ponto de ser curvo; cabelos, sobrancelhas e pestanas louros quase brancos; olhos azuis muito vivazes... Aulas e conferências de Deffontaines, mais do que trabalhos científicos eram verdadeiras obras de arte! Ele fazia geografia a golpes de inteligência. Mais do que pesquisas profundas, suas preleções revelavam lindas descrições de paisagens, comparações de agudeza invulgar, que eram sobretudo inspiradores de idéias. Por isso, Deffontaines foi um catalisador de atividades, animadas por sua curiosidade inquieta.

Como não havia no Rio de Janeiro, naquele tempo, ninguém formado em Geografia, em curso superior, os colaboradores de Deffontaines eram sobretudo geólogos, engenheiros de minas, professores de geografia; engenheiros civis

(*) Texto Apresentado no 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos, na mesa-redonda, AGB 50 Anos de Trabalho, São Paulo, 1984

dedicados à geodésia e topografia, à economia; médicos, bacharéis, mas especialmente seus entusiasmados alunos.

No começo, o preparo desses alunos em Geografia era tão incompleto que Deffontaines espontaneamente resolveu suplementar seu curso: em vez de duas horas consecutivas de Geografia Humana, passou a dar hora e meia desta matéria, seguida de outra hora e meia de Geomorfologia.

Isto ainda não lhe bastava. A Geografia fazia parte da própria vida de Deffontaines. Assim, resolveu ele criar outra "Associação dos Geógrafos Brasileiros", em 1936, para "conversar sobre geografia", à noite, uma vez por semana.

Porque teria Deffontaines fundado outra entidade com o mesmo nome? Temeria ele o desaparecimento da AGB paulistana, ou estaria já antevendo o desenvolvimento desta Associação, nos moldes federativos que teve mais tarde?

Talvez, a princípio, a primeira hipótese ocorresse a Deffontaines, em vista da terrível repressão policial que se desencadeou, após o levante promovido pela Aliança Nacional Libertadora, no final de 1935. É, por outro lado, muito provável que Deffontaines estivesse inspirado no modelo da Association des Géographes Français.

Seja como for, nunca ouvi uma opinião clara do mestre, a esse respeito. O que importava a Deffontaines era reunir os interessados em Geografia, e com eles trabalhar, fazer excursões, debater...

Assim, enquanto em São Paulo o jovem Pierre Monbeig, que o substituíra na USP, criava a mais sólida escola de geógrafos do país no núcleo USP-AGB, Deffontaines criava no Rio um outro ramo, até então independente.

É óbvio que um suporte fundamental às atividades de Deffontaines foi dado com a criação em 1938, pelo Eng^o Cristóvão Leite de Castro, do Conselho Nacional de Geografia, dentro do Instituto Nacional de Estatístico, vindo a formar o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A colaboração prestada por Leite de Castro e Sílvio Fróis Abreu a recém-criada Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Rio, foi irrestrita. As reuniões da AGB carioca se realizavam à noite, no auditório do Instituto Nacional de Tecnologia (já seria Fróis Abreu, naquele época, diretor do INT?), na Avenida Venezuela, perto da Praça Mauá. Era um lugar ermo; porém naquele tempo não eram perigosas as ruas escuras e desertas do Rio de Janeiro.

Fui designado secretário e tesoureiro da Associação. Ganhei um livro de atas, fino, mas de capa preta e dura, como os de cartório. As contribuições, que eram de três mil réis (3\$000) por mês, eu as guardava em moeda corrente, no final do livro, dentro de um envelope.

Lamento nunca mais ter visto aquele livro de atas, pois isto me obriga a recompor os fatos, de memória. Nestas circunstâncias, as datas me faltam; a ordem em que as palestras foram feitas, só lhes asseguro até a terceira, e os temas nelas tratados, quando eu não tiver certeza, colocarei escrupulosamente um (?), após o título:

- 1ª) P. Deffontaines: " Geografia Humana de montanha, no Brasil".
- 2ª) S. Fróis Abreu: "Regiões Naturais da Bahia". (Esta comunicação foi posteriormente transformada em artigo, saído na Revista Brasileira de Geografia, no I, nº 1).
- 3ª) C. Leite de Castro: "O CNG e o Decreto-Lei nacional nº 311".

Este diploma legal, que o referido autor alcunhou de "Lei Geográfica do Estado Novo", serviu de base à fundação do Conselho Nacional de Geografia, dentro do IBGE, racionalizou a divisão municipal do Brasil, obrigou as Prefeituras a mapearem os respectivos municípios (uns — a maioria — eram meros croquis; outros possuíam base cartográfica precisa; outros, enfim, contrataram levantamentos planimétricos).

Leite de Castro, jovem, competente, cheio de iniciativa, compreendia que, fundamentado naquele decreto-lei, que ele próprio idealizara, realizaria uma obra grandiosa e duradoura. Dentro da Geografia, Cartografia e Geodésia, ele possuía uma perspectiva histórica semelhante à de Oswaldo Cruz na Higiene; de Pereira Passos e Prestes Maia, no Urbanismo; de Juscelino Kubitcheck, na Política. Montou uma estrutura e a fez funcionar!

Colega dele, no curso de Geografia da extinta Universidade do Distrito Federal, eu era bem mais jovem e inexperiente, porém mais sofrido pelas perseguições políticas da direita. Por isso, via com certa antipatia qualquer decreto-lei. E o de nº 311 ameaçava com a perda de autonomia ao município que não elaborasse seu mapa, no devido tempo. Sem dúvida, era um ato ditatorial! Entretanto, em decorrência desse ato, obtive emprego, fiz carreira como pesquisador em Geografia, enquanto por longos decênios as Universidades me fechavam as portas. No plano pessoal, pude encontrar a mulher de minha vida e criar nossos filhos.

Claro que nessa infinidade de acontecimentos entraram muitos outros fatos circunstanciais, e eu tive de fazer muitas opções.

Mas, sem dúvida, o Decreto-Lei que criou o CNG foi uma variável que teve reflexos fortes na Geografia Brasileira e até na minha vida profissional e pessoal: grão de areia, perdido nessa imensa praia!

Eis um exemplo da "Dialética da História". Mas, retornemos à velha AGB carioca:

Oton Henry Leonardos fez um relato de suas pesquisas de campo no alto Tocantins e Araguaia (?).

Josué de Castro falou sobre "Os Mucambos do Recife". Ele correlacionou esse tipo de habitação com os da África negra. Sua palestra levantou animados debates, inclusive com o geólogo acima citado.

Numa noite de verão, estava no Rio um geógrafo norte-americano, Preston E. James, que retomava de uma excursão de pesquisas no Planalto Meridional. Falou sobre "A expansão do povoamento no Sul do Brasil", tema de seu artigo depois publicado na "Geographical Review".

Antes de sair para a conferência, ele me telefonou, consultando se deveria ir de "smoking", e eu lhe disse que o traje era informal. Felizmente! Pesado aguaceiro desabou em seguida, e, por isso, para vergonha nossa, apenas seis pessoas assistiram à palestra.

O geólogo paraense Henrique Capper Alves de Souza discorreu, com acentuado sotaque lisboeta, sobre "Os garimpos de ouro do Gurupi".

Já no final da permanência de Deffontaines no Brasil, ele convidou um médico chamado Vitor Mayall, para falar sobre "Petrópolis".

Ao sair do nosso país, Deffontaines deixou Silvio Fróis Abreu como sucessor, na presidência da AGB carioca. Na UDF o substituíram: Ernesto Street, nas aulas de Geografia Humana, e o Engº José Carlos de Junqueira Schmidt, nas de Geografia Física.

Ao começo de cada sessão da AGB, eu efetuava a leitura da ata da reunião anterior, mas no resto, a burocracia era praticamente nula. Falava-se sobre geografia. E essa é a grande virtude das reuniões profissionais. Além disso, conhecem-se colegas e pessoas que trabalham no mesmo ramo ou em ciências afins. Desse modo, conheci eu quase todos os oradores mencionados e mais vários geólogos: Avelino Inácio de Oliveira, Luciano Jaques de Moraes, Alberto Ribeiro Lamego, assim como a esposa de Ernesto Street, também professora, que eventualmente o substituía nas aulas.

Colegas meus compareceram com frequência à AGB. Lembro-me bem de: Fábio de Macedo Soares Guimarães, Antônio José de Matos Musso, Jorge Zarur, Carlos Marie Cantão, Miguel Alves de Lima e, mais tarde, um menino inteligente e animado, que se chamava Hilgard O'Reilly Sternberg.

As discussões corriam, às vezes, um pouco à deriva; mas sempre sob a orientação simpática de Deffontaines. Além dos temas das palestras, eram elas motivadas pelas observações das excursões. E estas não foram poucas, sempre com grande participação dos alunos da UDF e de funcionários do CNG.

Numa época em que os automóveis eram raros, tomava-se bonde, trem ou barca, e depois andava-se muito a pé. Assim, foram feitas as excursões seguintes*:

- Ao Sumaré, e daí pela serra da Carioca, à Pedra Bonita, até o Alto da Boa Vista.
Ao pico da Tijuca.
A Ilha de Paquetá.
- A Jurujuba, e daí até o Forte de Santa Cruz.
- A Vassouras, daí de carro até Pati do Alferes, seguindo a pé, pela Serra do Mar, até o Bingen (subúrbio de Petrópolis).

(*) Não estão em seqüência cronológica.

Em setembro de 1940, a Sociedade Brasileira de Geografia promoveu, com o apoio do CNG, o IX Congresso Brasileiro de Geografia, na cidade de Florianópolis.

A 2ª Guerra Mundial estava deflagrada. A França já havia caído. A propaganda nazista lavrava no Sul do Brasil. Na exposição de mapas, anexa ao Congresso, organizada pelo CNG, o cônsul alemão depositou um grande caixote, com livros de propaganda nazista, para serem distribuídos à tarde. No horário de almoço, com o recinto da exposição fechado, furtivei o caixote, auxiliado por alguns colegas do CNG, e o joguei no mar.

Poucas semanas depois, entreguei dois exemplares, que eu tirei do caixote, ao Prof. Preston **James**, então revertido ao posto de coronel do Exército norte-americano, encarregado do serviço de informações do Departamento de Estado, para a América Latina.

Era a geopolítica em ação.

O importante para a Geografia Brasileira naquele conclave foi o primeiro encontro dos jovens geógrafos dos dois grupos da AGB (de São Paulo e do Rio) com os velhos adeptos da Geografia de nomenclatura, da "veneranda" Sociedade de Geografia.

Os paulistas eram capitaneados por Monbeig. Lá estavam: Aroldo de Azevedo, João Dias da Silveira, Ary França, Dirceu Lino de Matos, Maria da Conceição Vicente de Carvalho... Do grupo do Rio estavam, além de mim Cristóvão Leite de Castro, Lúcio de Castro Soares, Jorge Zarur...

Como essa moçada perturbou a velharia, é difícil de descrever! Pela primeira vez, em lugar de palmas e comentários laudatórios, aqueles senhores passaram a ouvir críticas inflamadas, ironias e propostas de recusa dos seus trabalhos. Este choque de idéias reproduzia no Brasil, aliás, o que havia ocorrido no princípio do século na velha Société de Géographie de Paris, entre os geógrafos tradicionais e OS jovens grupos então liderados por Emmanuel De Martonne e P. Vidal de La Blache.

Em 1941, apareceu no Conselho Nacional de Geografia um geógrafo francês, vindo do Japão. Chamava-se Francis Ruellan. Era geomorfólogo, ex-discípulo de De Martonne. Foi imediatamente contratado pela Faculdade nacional de Filosofia. Em pouco tempo, ele empolgou um grande número de estudantes, atraindo-os para o curso de Geografia. Um bom grupo deles foi contratado pelo Conselho Nacional de Geografia, onde Ruellan passou a dar assessoria técnica.

A partir daí, é difícil distinguir o que era pesquisa de AGB, de CNG ou de FNFi. Quase sempre, as três entidades estavam mais ou menos envolvidas. Os trabalhos de campo e as reuniões de debates se sucedem: ao vale do Cachoeirinha, a Cabo Frio, a Campos, a Paraíba do Sul, ao Paraná e Santa Catarina, ao Vale do Rio Doce...

Apoiada irrestritamente pelo Conselho Nacional de Geografia, do qual era uma das cinco associações filiadas (juntamente com a Sociedade Brasileira de

Geografia, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Clube de Engenharia e a Academia Brasileira de Ciências), a AGB carioca estava em plena floração; era um verdadeiro curso de pós-graduação para pesquisadores e de atualização para professores, quando se deu a fusão dos dois núcleos — o de São Paulo e o do Rio de Janeiro — em 1943, na Assembléia Geral, reunida em Lorena.

Estava terminado o ciclo que chamo de "pré-histórico" da AGB do Rio de Janeiro. Antes de partir o grupo carioca para a referida cidade do Vale do Paraíba paulista, eu entreguei àquela que seria diversas vezes a tesoureira da Associação Nacional — Dora de Amarante Romariz — as duas provas materiais de minha participação, até ali: o livro negro de atas e um envelope contendo quinze mil réis.

Esta narração despretensiosa encerre alguns ensinamentos importantes.

Não se cuidava quase de organização, e muito menos de defesa da classe; mas a AGB era atraente, vivaz, fecunda. Hoje, as Secções locais se preocupam muito com questões profissionais, de emprego e epistemológicas... Não se pode condenar essa orientação, numa conjuntura de crise, como a que vivemos. Porém, quase ninguém comparece às sessões.

O fator básico que tornou a AGB a mais fértil organização privada de estudos geográficos em nosso País foram os trabalhos de campo em equipe, guiados por geógrafos experientes. Os debates que se seguiam envolviam questões teóricas para a solução de problemas práticos; não derivavam de situações hipotéticas.

É bem verdade que as pesquisas de campo são, hoje em dia, dificultadas pela carestia dos transportes automóveis. No passado, entretanto, se os combustíveis não eram caros, os próprios veículos o eram, e as estradas de rodagem eram muito ruins.

Os nossos precursores agebeanos resolveram essas dificuldades marchando sobretudo a pé. Nós podemos fazer a mesma coisa. Ademais, o enfoque social enriqueceu o nosso arsenal metodológico, tomando a Geografia um instrumento mais eficaz no planejamento regional.